

# O professor de história e o pintor: Rocha Pombo e Guttman Bicho em Sergipe

Alexandra Lima da Silva<sup>1</sup>

## The Professor of History and the Painter: Rock Pombo and Guttman Bicho in Sergipe

116



### Resumo

Compreender os significados da presença do professor de história Rocha Pombo e do pintor Galdino Guttman Bicho no estado de Sergipe, é o horizonte deste trabalho. A partir da viagem realizada no ano de 1917, busca-se levantar os vestígios deixados pelos sujeitos e trilhar os caminhos possíveis em relação às instituições visitadas, sobretudo aquelas relacionadas à escrita da história e ao ensino. Dentre as fontes analisadas, destacam-se o impresso *Notas de Viagem-Norte do Brasil* (1918), as atas do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e pinturas de Guttman Bicho. Defende-se que os contatos estabelecidos com diferentes sujeitos nos tempos da viagem foram cruciais para a afirmação dos dois viajantes em seus campos de atuação.

**Palavras-chave:** Rocha Pombo. Guttman Bicho. Sergipe. Viagem.

### Abstract

Understanding the meanings of the presence of history teacher Rocha Pombo and the painter Galdino Guttman Bicho in the state of Sergipe is the horizon of this work. From the trip made in 1917, it is sought to raise the traces left by the subjects and to walk the possible paths in relation to the institutions visited, especially those related to the writing of history and to teaching. Among the analyzed sources, the most noteworthy are the Travel Notes-North of Brazil (1918), the Acts of the Historical and Geographical Institute of Sergipe and paintings by Guttman Bicho. It is understood that the contacts established with different subjects at the time of travel were crucial for the affirmation of the two travelers in their fields of action.

**Keywords:** Rocha Pombo. Guttman Bicho. Sergipe. Travel.

1 Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, professora Adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
E-mail: alexandralima1075@gmail.com.

Agosto de 1917. Desembarcaram do Vapor *Itapacy* em terras sergipanas o professor de história José Francisco da Rocha Pombo e o pintor Galdino Guttmann Bicho. A presença de tais visitantes causou certo alvoroço e mobilizou as autoridades e os representantes de instituições de ensino, imprensa e sobretudo, os sócios do Instituto Histórico e Geográfico do estado.

Sergipe foi um dos onze estados visitados na excursão de cinco meses ao norte do Brasil realizada pelo professor de história, que no auge de seus sessenta anos, pode ter representado a realização pessoal de toda uma vida, tendo em vista que desde muito nutria o desejo de visitar o norte, lamentando não ter sido isso possível antes de escrever a sua *História do Brasil*:

Desde muito nutria eu o desejo de visitar o norte. Lamento que me não fosse isso possível antes de escrever a minha *História do Brasil*. Tendo de resignar-me as circunstâncias que disso me privaram, só depois de concluído esse trabalho é que se proporcionou ensejo de realizar a minha velha aspiração<sup>2</sup>.

Nascido no Paraná, José Francisco da Rocha Pombo, ainda muito jovem, ingressou no magistério das primeiras letras e na escrita de periódicos, publicando artigos relacionados à instrução. Mudou-se para o Rio de Janeiro, então capital da República em 1897, onde passou a frequentar os círculos intelectuais da cidade, em esforços diversos para sobreviver e se estabelecer no campo intelectual. Foi poeta, contista, dicionarista, historiador, professor de História do *Pedagogium*, da Escola Normal, do Colégio Batista, membro do Instituto Histórico e Geográfico e jornalista<sup>3</sup>. Na época da viagem Rocha Pombo residia na cidade do Rio de Janeiro e registrou os tempos de travessia no livro intitulado *Notas de Viagem. Norte do Brasil*, publicado no ano de 1918 por Benjamin de Águila editor. O relato em primeira pessoa do plural acentua a intenção de Rocha Pombo de demonstrar que não viajou sozinho. Desde o embarque no Rio de Janeiro, contou com a companhia do pintor Galdino Guttmann Bicho:

É meu companheiro de viagem o meu amigo Guttmann Bicho. Como pintor, vai ele encarregado da parte gráfica da documentação que me é indispensável para o novo trabalho histórico de que me ocupo, destinado a figurar na comemoração do nosso centenário, em 1922. Vai, para isso, munido também de aparelhos de fotografia. O Guttmann já conhece alguma coisa do norte até Sergipe<sup>4</sup>.

2 POMBO, José Francisco da Rocha. *Notas de viagem. Norte do Brasil*. Rio de Janeiro: Benjamin de Águila editor, 1918. p. 8

3 SILVA, Alexandra Lima da. *Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Educação), 2012, UERJ. p. 20

4 POMBO, José Francisco da Rocha. *Notas de viagem. Norte do Brasil*. Rio de Janeiro: Benjamin de Águila editor, 1918. p. 19



O pintor viajava acompanhado da família e carregava na bagagem de ida, abundante material de pintura e aparelhos de fotografia para os registros visuais da viagem. Não há muitos estudos a respeito de Guttman Bicho, tendo sido mapeados para estudos sobre o mesmo, memórias de contemporâneos, dicionários biográficos de pintores<sup>5</sup>, sites especializados em artes e artistas brasileiros, e alguns poucos estudos acadêmicos, como os trabalhos de Arthur Gomes Valle, que desenvolveu dissertação sobre as questões semânticas na obra de Guttman Bicho<sup>6</sup>. É importante ressaltar que as obras e acervo sobre o pintor encontram-se espalhadas em diferentes instituições do país, como Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, do Museu Antônio Parreiras, em Niterói/RJ, no Museu de Arte de Santa Catarina/PR, e Museu Guttman Bicho, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, que detém alguns retratos feitos por Bicho nos tempos em que lá esteve em companhia de Rocha Pombo além de quadros e obras de discípulos do artista.

Mais jovem que o historiador paranaense, foi retratado pelo mesmo em várias passagens das *Notas de viagem* como sendo medroso e impressionável, como neste momento de perigo da travessia, em que a ponte para chegar em terra era muito trêmula, sendo preciso características de herói para atravessá-la, na qual “o Bicho empalideceu. O saltar em terra ainda foi pior. A única ponte, que existe na baía, está ruindo depressa”<sup>7</sup>.

Galdino Guttman Bicho nasceu na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro, no ano de 1888, tendo à época do embarque ao norte do Brasil, 29 anos. Filho de pai português e mãe descendente de alemães, viveu parte da infância no estado de Sergipe:

Passou a infância em Sergipe, passando a residir posteriormente no Rio de Janeiro, onde frequentou o Liceu de Artes e Ofícios e a Escola Nacional de Belas Artes. Foi aluno de Zeferrino da Costa e Rodolfo Amoedo. Fundou em 1947 o curso de Cerâmica da Escola Técnica do Rio de Janeiro<sup>8</sup>.

Para José Roberto Teixeira Leite<sup>9</sup>, o pintor petropolitano dominou a técnica do impressionismo e sua pintura teria sido uma das que serviram de ponte para a luta modernista, “pela ruptura sutil com o espírito

5 CAVALCANTI, Carlos (org.) *Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos*. Brasília: Instituto Nacional do Livro MEC, 1973. p. 242

6 VALLE, Arthur. “O ciclo de pinturas de Guttman Bicho no CAPS Ernesto Nazareth- Ilha do Governador”. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 1., 2005, Campinas. Campinas: Unicamp, 2005.

7 POMBO, José Francisco da Rocha. *Notas de viagem*. Norte do Brasil. Rio de Janeiro: Benjamin de Águila editor, 1918. p. 106

8 LEITE, José Roberto Teixeira. *Dicionário Crítico de Pintura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. ArtLivre, 1988. p. 241

9 *Ibid.*, 1988, p. 241

acadêmico”. Para os contemporâneos, Guttman Bicho era descrito como “um espírito inquieto e polêmico”. Apesar de trazer elementos biográficos importantes, o dicionarista comete o equívoco de afirmar que foi no ano de 1922 que Guttman Bicho viajou para o Norte do país, “em companhia do historiador Rocha Pombo, colhendo dados para a ilustração que faria de sua história do Brasil, edição comemorativa da independência”<sup>10</sup>. Por sua vez, escreveu João Medeiros a respeito de Galdino Guttman Bicho:

Frequentou a ENBA, estudando com Belmiro de Almeida. No SNBA obteve o prêmio de viagem ao estrangeiro em 1912. Foi pintor de paisagens, retratos nus, ostentando nítida influência impressionista. O MNBA possui uma bela paisagem de sua autoria<sup>11</sup>.

Com caráter polímorfo de atuação, Guttman Bicho, além de pintor, foi ceramista, artista gráfico e arquiteto em uma trajetória marcada por diferentes contatos com a intelectualidade do período. Se por um lado, há poucos estudos específicos sobre Guttman Bicho, as memórias de amigos pessoais do pintor possibilitaram adentrar um pouco mais em sua trajetória. Desse modo, memórias como as de Agripino Grieco (1888-1973), fazem muitas menções ao pintor, que era lembrado como um amante dos barcos e das pescarias, tendo sido criado “as soltas nas praias do Nordeste e nunca perdera a nostalgia daqueles coqueiros, daquelas jangadas de vela abertas ao vento”<sup>12</sup>. Tal amizade viria desde os tempos de adolescência, sendo o encontro com o amigo lembrado por Grieco como melhor que teve na vida:

Mas eu tive na juventude alguém que se me tornou o irmão escolhido por mim mesmo, e não me é possível lembrar qualquer episódio das minhas caminhadas pelo Rio diurno e noturno, entre 1906 e 1913, sem que recorde Guttman Bicho, filho de um português do Porto com uma descendente de alemães.<sup>13</sup>

Grieco recorda que, apesar de germanófilo, o pintor petropolitano, ao ganhar o prêmio de viagem, “em lugar de ir a Berlim ou a Hamburgo, dirigiu-se a Paris, de onde voltaria como se o escorraçassem do paraíso”. E, ao retornar da viagem ao exterior, não esqueceu dos amigos, pois:

Voltando de Paris, trouxe-me ele muitos livros raros, adquiridos à beira do cais do Sena, sem me cobrar nada por eles. Tenho também dezenas de telas suas, de que paguei apenas a parte dos moldureiros, conservando eu igualmente a pintura

10 Ibid., 1988, p. 241

11 MEDEIROS, João. *Dicionário de Pintores do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Irradiação do Brasil, 1988. p. 79

12 GRIECO, Agripino. *Memórias*, volumes I e II. Província. Rio de Janeiro: Conquista, 1972. p. 67

13 Ibid., 1972, p. 68.



em grupo onde figuro ao lado de Ronald de Carvalho, do Rodrigo Otávio Filho, do Andrade Murici, do Tasso da Silveira e do próprio Guttman, pintura que um jornalista malicioso denominou “a hora do Bicho”<sup>14</sup>.

Com ar de orgulho e satisfação, Grieco menciona a viagem que o amigo pintor realizou em 1917, que “andando pelo Norte com Rocha Pombo, Guttman falava sempre em mim aos literatos de lá: ‘Vocês precisam conhecer o Grieco!’<sup>15</sup>. Outro aspecto a ser destacado na trajetória de Guttman Bicho era a dimensão de retratista, uma vez que esta atividade era uma forma de garantir o próprio sustento. Assim, foi o pintor retratista de Agripino Grieco, Farias Brito, Belisário Pena, Catulo da Paixão Cearense, João Ribeiro, Fábio Luz.

Em 1917, nos tempos em que passou vinte e dois dias em Sergipe, na companhia de Rocha Pombo, pintou um quadro do intelectual paranaense.

**Figura José Francisco da Rocha Pombo/Gutmann Bicho, óleo sobre tela, século XX**



Acervo da Pinacoteca do IHGSE

Ganhador de muitos prêmios, dentre os quais se destacam a menção honrosa nas Exposições Gerais de 1906 e a pequena medalha de prata em 1912, é possível que a excursão ao norte tenha lhe propiciado a divulgação de suas obras, bem como, o estabelecimento de muitos contatos, tendo contribuído para isso, as próprias ações e iniciativas do pintor, como podemos aferir a partir das atas da sessão do dia 15 de agosto do Instituto Histórico de Sergipe, onde há menção à inauguração dos retratos ofertados pelo pintor:

14 Ibid., 1972, p. 71.

15 Ibid., 1972, p. 71.

Depois, começaram a ser inaugurados os retratos ultimamente ofertados ao Instituto. Acendeu à tribuna o segundo secretário desta associação que fez respeitadamente a biografia do grande poeta sergipano Dr. Pedro de Calazans e terminou pedindo que fosse inaugurado retrato a óleo do primoroso trabalho do habilíssimo pintor Guttman Bicho. O Sr. presidente declarou solenemente inaugurado o referido retrato (*Ata da sessão magna de posse da nova diretoria que tem de gerir os destinos do Instituto Histórico no período social de 1917 a 1919*. Sergipe, 15 de agosto de 1917, p. 9).

**Figura Manuel Caldas Barreto Neto (Galdino Guttman Bicho, óleo sobre papel.**



Acervo da Pinacoteca do IHGSE)

Após a excursão ao norte do Brasil, o pintor conquistou o prêmio Viagem ao Estrangeiro, em 1921, como o quadro *Panneau decorativo*, tendo a oportunidade de viver em Paris e em Lisboa, realizando exposições particulares. De volta ao Brasil no ano de 1924:

conheceu um período de relativa consagração, conquistando na Exposição Geral de 1925 a medalha de ouro. Continuará participando do certame - então com o nome de Salão Nacional de Belas Artes - ainda em 1954, quando recebeu o Prêmio de Viagem pelo Brasil, embarcando para o Maranhão, estado que lhe forneceria o tema para suas derradeiras paisagens (Cf: [www.dezenovevinte.net](http://www.dezenovevinte.net))

### *Sergipe: instituições, visitas e encontros*

Na ótica de Rocha Pombo, Sergipe seria um estado “muito pequeno em território, e modesto em fortuna, e que, portanto, só pode ser grande pela alma da gente”, onde destacou também, a presença de pequenas salinas,

na margem oposta da Bahia<sup>16</sup>. Para o professor, haveria em Sergipe locais que são um verdadeiro fogo morto, como por exemplo, Santo Amaro, onde haveria raros sinais do passado, existindo muitas “igrejas em ruínas, casas que desabam afogadas em matagal, ruas e praças cobertas de capim”<sup>17</sup>. Porém, considerou o local lindíssimo, repleto de belezas naturais como ilhas, lagunas, sugerindo, na perspectiva do viajante, “alguma coisa de paisagem egípcia”<sup>18</sup>. Porém, não apenas a paisagem chamava-lhe a atenção em Sergipe. As fábricas de tecido, de ladrilhos e de óleo de coco, além das belas salinas atraíam as vistas do andarilho viajante.

Na capital Aracaju, por exemplo, observa a presença de traços comuns com outras cidades do norte, sobretudo na presença das feiras semanais, nas vizinhanças do mercado, onde “se encontra uma variedade infinita de coisas, produtos de lavoura, de criação, de pesca, artigos de indústria indígena, etc”<sup>19</sup>.

Nas andanças pelo estado de Sergipe, a primeira visita realizada foi ao gabinete do presidente, o general Oliveira Valladão, considerado “muito afável e bondoso” na recepção, em que, “bastou-nos a ligeira palestra que tivemos com o S. Ex para explicar-nos a estima em que é tido este homem pelos sergipanos”<sup>20</sup>. Confere especial destaque ainda, à visita que fez ao desembargador Armino Guaraná<sup>21</sup>, “um dos mais aplicados cultores das coisas da terra. Eu o conhecia desde muito como investigador incansável, entusiasta do nosso passado. Há longos anos trabalha na composição de um Dicionário Bibliográfico de Sergipe”<sup>22</sup>. Conheceu também, a Biblioteca Pública, “uma das melhores e mais bem dirigidas que vimos em toda a nossa excursão” (*idem*); e o Instituto Histórico. Ademais, realizou visitas ao Hospital da Santa Casa, em companhia do desembargador Simeão Sobral, que seria o provedor do mesmo, sendo o dito hospital, situado um pouco fora da cidade, em casa modesta, mas de excelentes disposições, sendo que os serviços de clínica e de enfermaria, estariam a cargo de algumas irmãs Santanistas.

Conferiu destaque também às visitas recebidas, como as realizadas pelo “Dr. Helvecio de Andrade, Diretor da Instrução Pública; e a do desembargador Evangelino de Faro, membro do Superior Tribunal de Jus-

16 POMBO, José Francisco da Rocha. *Notas de viagem*. Norte do Brasil. Rio de Janeiro: Benjamin de Águila editor, 1918. p. 58

17 *Ibid.*, 1918, p. 56

18 *Ibid.*, 1918, p. 56

19 *Ibid.*, 1918, p. 72.

20 *Ibid.*, 1918, p. 51.

21 GUARANÁ, Armino. *Dicionário Bibliográfico Sergipano*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1925.

22 POMBO, José Francisco da Rocha. *Notas de viagem*. Norte do Brasil. Rio de Janeiro: Benjamin de Águila editor, POMBO, José Francisco da Rocha. *Notas de viagem*. Norte do Brasil. Rio de Janeiro: Benjamin de Águila editor, 1918, p. 68.



tiça”<sup>23</sup>. Em relação aos eventos sociais frequentados, destacou a inauguração do jornal falado o *Meio Dia*, tendo sido, “uma festa magnífica, que nos surpreendeu, pois realmente é extraordinário que se encontre, numa pequena capital, um grupo tão brilhante de moços de espírito capazes de bela figura em qualquer grande centro do país”<sup>24</sup>.

Tais eventos propiciaram a oportunidade de ampliar os contatos do viajante, conforme anunciado nas palavras do mesmo:

Ali conhecemos, por exemplo, o Dr. Prado Sampaio, espírito de vasta cultura, especialmente filosófica; o Dr. Manuel Passos, sábio até pela modéstia, conhecendo além do latim e o grego, notável filólogo, romancista e poeta. É um juiz na capital, mas vive em São Cristóvão. Tivemos ali ensejo de visitar-lhe a biblioteca, e de ver a enorme bagagem, que este homem tem reunido, de obras que vai compondo. Devo ainda declinar alguns nomes: o do professor Magalhães Carneiro; o do desembargador Armindo Guaraná; o do Dr. Avila Lima; o do Dr. Costa Filho, a quem já fiz referências; o do Dr. Garcia Rosa, poeta de indiscutível valor; o do Dr. Elias Montalvão, grande investigador da nossa história; o do professor Carvalho Lima Júnior; e outros talvez que me não ocorrem no momento<sup>25</sup>.

Ao citar as personalidades locais, o viajante paranaense não deixa de enumerar os pertencimentos das pessoas citadas, sendo todos tratados com títulos de “doutor” ou respeitosamente, como “senhor”, evidenciando a posição de destaque de tais sujeitos. Dentre tantos nomes, destaco o de Armindo Guaraná, autor do *Dicionário Biobliográfico Sergipano*, obra que reúne mais de 640 biografias consideradas como ilustres homens de Sergipe<sup>26</sup>. Além disso, mesmo sem ser sergipano, há destaques ao nome Rocha Pombo no referido dicionário, sendo uma delas, feita ao se mencionar que o paranaense escreveu uma crítica ao livro *Apoteose*, do sergipano Hermes Fontes:

A propósito deste livro escreveu Rocha Pombo no *Correio da Manhã*, de 12 de julho de 1908: ‘Este *Apoteoses* é a estreia mais opulenta, mais brilhante e mais afirmativa destes tempos do Brasil. Hermes Fontes começa revelando-se desde as primeiras páginas de prosa como apresenta...Ele não esperou que o entendesse, fez-se logo entendido. De um largo gesto disse-nos tudo. – É senhor da língua: e isto hoje é tão raro. O seu dizer é harmonia e é desenho, sua expressão ilumina, dá relevo, como a luz. Dir-se-ia que as emoções lhe saem da alma como concretizadas em blocos de mármore. É o mais

23 Ibid., 1918, p. 52.

24 Ibid., 1918, p. 52.

25 Ibid., 1918, p. 53.

26 GUARANÁ, Armindo. *Dicionário Biobliográfico Sergipano*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1925. p. 53



elevado prodígio da arte. O artista que consegue tais maravilhas há de chegar ao mais pasmoso dos milagres do gênio<sup>27</sup>.

Preocupado com a existência de espaços adequados à formação de futuras professoras, Rocha Pombo visitou algumas escolas normais nos estados percorridos. Em Sergipe, pôde assistir a algumas aulas da instituição, considerando a Escola Normal, um bom estabelecimento de ensino, sendo o edifício, que se encontrava situado em posição privilegiada na praça onde estava também a catedral, considerado “amplo e bem disposto, em excelentes condições de higiene”<sup>28</sup>.

O viajante destaca positivamente a existência de “algumas aulas de ensino primário, onde as alunas da escola fazem prática escolar”<sup>29</sup>. É possível aferir certa preocupação com a “boa” localização de uma escola normal, que deveria apresentar instalações físicas apropriadas para o funcionamento adequado de uma escola que formaria futuras professoras. Neste sentido, aos olhos “do passante, o espaço escolhido para educar deveria transparecer a nobreza das intenções do ato educativo assim como a estabilidade da administração pública”<sup>30</sup>.

Além da Escola Normal, visitou ainda, o Atheneu Sergipense, no qual evidencia que era diretor do estabelecimento o Dr. Aristides Pontes, “onde assistimos a varias aulas do Dr. Leandro Diniz (Francês), do Dr. Figueiredo Martins (Geografia) e do padre Possidônio Rocha”<sup>31</sup>. Para o intelectual paranaense, a capital Aracaju cuidaria muito bem da instrução e da caridade, o que deveria causar orgulho ao sergipense, que “distingue-se particularmente por um profundo sentimento, quase piedoso, de amor à terra”.<sup>32</sup>

A preocupação com a necessidade da escolarização das crianças negras também ganhou destaque nas considerações de Rocha Pombo, que busca evidenciar os outros sujeitos que posicionados em lugares sociais distintos, ansiavam por espaço e participação no mundo das letras e na própria ampliação dos direitos da cidadania. Neste sentido, é possível compreender o interesse de Rocha Pombo pela instrução de sujeitos como este aluno do Atheneu Sergipense:

27 Ibid, 1925, p. 222.

28 VIÑAO FRAGO, Antonio. “Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões.” In: VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. p. 83.

29 POMBO, José Francisco da Rocha. *Notas de viagem*. Norte do Brasil. Rio de Janeiro: Benjamin de Águila editor, 1918. p. 57

30 SANTOS, Heloisa Meirelles. *Congregação da Escola Normal: da legitimidade outorgada à legitimidade (re) conquistada (1880-1910)*. Rio de Janeiro, dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011. p. 23

31 POMBO, José Francisco da Rocha. *Notas de viagem*. Norte do Brasil. Rio de Janeiro: Benjamin de Águila editor, 1918. p. 58

32 Ibid., 1918, p. 59



Predeu nossa atenção o aluno Anthenor Lyrio Coelho, pre-tinho, falando Francês, e já bem encaminhado no Latim. Ao despedir-me deste aluno, não pude excusar-me de dizer-lhe ao ouvido: “V. pertence, meu filho, a uma outra raça que se sacrificou aqui por outra: essa outra agora lhe está pagando. Aproveite quanto puder, e há de ir longe”.<sup>33</sup>

Por seu turno, ao relacionar a presença de um aluno negro nos bancos escolares aos sacrifícios da escravidão, o intelectual paranaense parece conceber o direito das populações afro-descendentes à instrução formal como uma compensação pelos “bons serviços” prestados à nação nos tempos da escravidão, sendo estes considerados no livro didático *Nossa Pátria*, “trabalhadores, obedientes e muito espertos, tendo feito muito pelo progresso do nosso país”. Afirma ainda que os sofrimento e sacrifícios dos africanos escravizados no Brasil teriam sido recompensados, “pois hoje os descendentes daqueles pobres escravos hoje são iguais aos antigos senhores, e sem dúvida muito mais felizes do que os parentes que ficaram lá na África”.<sup>34</sup>

Por sua vez, a instrução popular pode ser apontada enquanto outra preocupação recorrente nas observações tecidas pelo viajante, sendo esta entendida como uma necessidade para a formação do povo brasileiro, onde, “não cessarei de dar testemunho, a instrução popular é objeto da preocupação e do esforço de todos os governos e de todas as populações”<sup>35</sup>. Para ele, uma das iniciativas mais importantes no sentido de atender às demandas da instrução popular seriam os grupos escolares, que se encontrariam já em todos os estados do norte, pois, “aliás, isto é comum em todos os estados do norte: não há uma só capital onde se não encontrem estabelecimentos dessa ordem, que já entraram, pode-se dizer, definitivamente no regime do ensino”<sup>36</sup>. Ademais, a implantação dos grupos escolares difundiu-se pelo Brasil, compondo a política de muitos governadores dos estados. Assim, os grupos escolares teriam chegado ao Pará em 1899, em 1908 no Rio Grande do Norte, em Sergipe em 1911, na Paraíba em 1916 e no Piauí em 1920<sup>37</sup>.

A instrução, existência e difusão de bons livros pelo país poderiam representar para um intelectual como Rocha Pombo, não apenas a difusão de suas ideias a um público escolar, mas uma aproximação com “o povo,” uma vez que defendia uma aliança entre o “povo” e os “homens de letras”

33 Ibid., 1918, p. 66

34 Ibid., 1918, p.33.

35 Ibid., 1918, p. 102

36 Ibid., 1918, p. 102

37 LAGE, Ana Cristina Pereira. “Grupo escolar”. Disponível em: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_grupo\\_%20escolar.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_grupo_%20escolar.htm) [Consulta em 03/10/2011].



do país para a superação do atraso, rumo ao progresso e ao desenvolvimento pela educação, em sentido amplo.

### *Considerações finais*

Ao término deste trabalho, conclui-se que um dos significados da viagem de Rocha Pombo e Guttman Bicho foi a busca por fontes para a escrita de um livro de história. Todavia, outros aspectos permearam a referida excursão. Um deles, foi a visibilidade que o trabalho de ambos atingiu, cada um em sua área de atuação.

A parceria de um professor de história, que também se dedicava à escrita de livros didáticos, com um pintor/retratista, evidencia a preocupação com aspectos referentes à produção de livros no período. Assim, se Rocha Pombo representava a figura do autor, Guttman Bicho, representava a figura do ilustrador. Por sua vez, os contatos estabelecidos ao longo da viagem poderiam significar futuros contratos em termos de adoção dos livros nos referidos estados, ampliando-se assim, a circulação dos mesmos no período analisado.

